

IMAGINÁRIO E REPRESENTATIVIDADE DE PERSONAGENS NEGROS NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS

Sheila Manço dos Santos¹

aliehsms@hotmail.com

Faculdade de Letras-Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários

Elza Kioko Nakayma Nenoki²

elzakm@terra.com.br

Faculdade de Letras-Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários

Palavras chave: Literatura para crianças e jovens; imaginário, representatividade de personagens negros.

Revisado pelo Orientador.

¹ Estudante de Letras pela Universidade Federal de Goiás. Orientanda de PIBIC.

² Professora Doutora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Orientadora do PIBIC.

INTRODUÇÃO

O antropólogo Gilbert Durand (1997), citando Claude Lévi-Strauss, comenta que a criança e o adolescente têm um imaginário mais rico e variado que o do adulto, porque suas estruturas mentais são esboçadas de forma lenta e não socializada. O exame das atividades, comportamentos e reações no espaço e tempo de crianças e adolescentes pode constituir, portanto, um significativo modo de compreender o dinamismo da cultura dos grupos sociais.

OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objetivo geral examinar as representações da identidade e do imaginário de personagens adolescentes negros em três contos: *A cor da ternura* de Geni Guimarães, *A cor do preconceito* de Carmen Lucia Campos, Sueli Carneiro e Vera Vilhena e *Felicidade não têm cor* de Júlio Emílio Braz. Seu objetivo específico é descrever e analisar como as estruturas semiolinguísticas criadas pelos autores podem ser ponto de partida para se conhecer traços do imaginário e da construção da identidade de adolescentes negros.

METODOLOGIA

Para se proceder às análises recorre-se a dois procedimentos teóricos: os prescritos pela antropologia do imaginário de G. Durand e os recomendados pela semiótica discursiva de A. J. Greimas (1979).

Gilbert Durand diferencia em seu livro, *As estruturas antropológicas do imaginário*, dois conceitos muito importantes: a imaginação e imaginário. O primeiro é a faculdade de perceber, recriar ou articular imagens; o segundo é a maneira como podem ser feitas essas atividades, ou seja, como essa faculdade pode ser operacionalizada.

Durand reconhece que o imaginário se manifesta por meio de dois grandes grupos de imagens, os quais se chamam Regimes. Segundo Danielle Rocha Pitta (2005) esses regimes podem ser sintetizados conforme se lê abaixo.

O Regime Diurno do imaginário está ligado à noção de verticalidade e compreende as imagens de dois subgrupos. O primeiro é *As faces do Tempo*, que compreende símbolos teriomórficos (relativos à animalidade), nictomórficos (relativos à noite) e catamórficos (relativos à queda). O segundo chama-se “*O cetro e o Gládio*” e compreende os símbolos

ascensionais (elevação), os espetaculares (relativos a visão) e os diairéticos (símbolos da divisão).

O Regime Noturno liga-se ao sentido de fusão e harmonização e contém as imagens de intimidade, calor, alimento ou substância. Também se subdivide em dois subgrupos: *A descida e a Taça*, com os símbolos da inversão, da intimidade e os místicos; *Da moeda ao bastão* com os símbolos cíclicos, do esquema rítmico ao mito do progresso.

Ao aplicar os conhecimentos da antropologia do imaginário de G. Durand, a análise dos contos pretende descrever que imagens são privilegiadas pelos autores na descrição dos personagens e a qual grupos dos Regimes tais imagens pertencem.

A. J. Greimas, por sua vez, criou a semiótica discursiva como a ciência cujo objetivo é estudar os sentidos do texto, observando seu plano de conteúdo e examinando o que ele diz e o que faz para dizer o que diz. Diana L. Barros (2008) comenta que, para estudar o sentido do texto, Greimas concebeu um plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo. Este percurso vai do mais abstrato ao mais complexo e pode ser examinado segundo três níveis: o nível fundamental, o nível narrativo e o nível discursivo.

O *nível fundamental* ou profundo contém as oposições semânticas que constroem o sentido básico e axiológico da temática do texto. Por exemplo, no conto *A felicidade não tem cor*, encontra-se a polaridade - felicidade x infelicidade – na construção da personagem Fael, polaridade que corresponde à condição de ser ou não negro. O *nível narrativo* corresponde aos processos de conjunção ou disjunção dos sujeitos com os valores que formam a oposição semântica e circulam entre os sujeitos, por meio de manipulação (querer ou dever), competência (saber ou poder), performance (ser ou fazer) e sanção (prêmio ou castigo). O *nível discursivo* apresenta o tema, por meio da criação de figuras que correspondem aos atores, ao espaço e ao tempo em que se desenvolve o tema. Esses níveis possibilitam examinar as relações que se instauram entre a instância da enunciação, responsável pela produção e pela comunicação do discurso, e o texto enunciado.

A semiótica destaca, ainda, a necessidade de se ter presente, como afirma Landowski (2002), que a identidade de um indivíduo é formada a partir da identidade de um grupo. É no sentido do "nós-grupo" que se forma o "eu-sujeito", já que este ou assimila ou rejeita o que é oferecido ou imposto pela sociedade.

Do ponto de vista da semiótica, os objetivos específicos visam, portanto, no nível de superfície ou discursivo, estudar os atores, as figuras espaciais e temporais e suas isotopias; no nível discursivo, como se manifestam os verbos modais e se há a possibilidade de homogeneidade de sentidos em relação às transformações pessoais para meninos e/ou

meninas; finalmente, no nível mais profundo, que valores marcam a identidade desses adolescentes.

RESULTADOS

A priori, antes de partir para análise dos contos, faz-se necessário um breve resumo dos mesmos.

No conto “A cor da ternura” a narrativa começa quando a personagem Geni, ainda criança, está mamando e sendo acarinhada pela mãe. Depois de certo tempo, ela descobre que o peito materno lhe será tirado devido sua mamãe estar esperando um novo bebê, um irmãozinho que seria chamado pelo nome de Zezinho. Geni não aceita bem o fato da perda do leite e do colo da mãe, e por isso, ela inventa que está doente só para conseguir a tão desejada atenção da mãe novamente.

Seguindo a história do conto, depois de algum tempo, Geni experimenta o leite da mãe de novo e de fato aquele leite não era mais dela e sim do irmão, pois já não tinha o mesmo gosto de outrora.

O livro apresenta o quarto como um espaço aonde Geni ia sempre que precisa refletir ou, simplesmente, para conversar com “Dona Aranha”, uma aranha que vivia no canto da porta do quarto. Quando Dona Aranha morre, a personagem quase morre de tristeza. O choro de Geni era intenso, pois gostava muito dela e se perguntava, se a Aranha iria para o céu e se existia um céu para animais. Outro dia, a personagem se depara com as formigas carregando uma barata e pensa que é um velório. Por esta razão acompanha o enterro procurando o esposo ou esposa da barata. Com estes acontecimentos, sua mãe pensa que ela não está bem e a leva para dona Chica Espanhola, a fim de benzê-la.

Geni chega a uma fase em que quer deixar de ser a menina problema, chorona, que se apega aos animais, dentre outras coisas. Certo dia ela faz uma proposta para os colegas para que a deixassem brincar com eles no balanço, foi neste momento no balanço que Geni viajou ao mundo num instante.

Na escola Geni queria como as outras colegas, beijar o rosto da Professora e, assim, o fez. A sensação que teve era como se o coração lhe saísse pela boca, ela não se sentiu tão feliz com isso, pois viu pela reação da professora que ela não gostou. Saindo do ambiente escolar, ela volta para casa, para o aconchego do pai. O pai é o chefe da casa de Geni como em outras casas que conhecemos, é ele, um dos que trabalha para dar o sustento para a família, e é ele quem aconselha e dá força à filha para continuar estudando.

Enfim, Geni está virando mulher aparecem os primeiros caroços dos seios, o corpo começa a mudar o que pode ser notado, pois seu quadril está mais largo, desce sua primeira menstruação. É a partir deste momento que ela planeja uma infinidade de coisas para o seu futuro, agora ela já não é mais menina e não pode mais se comportar como tal.

É o dia da Formatura e a família está reunida, no livro não fica evidente se a personagem termina só o primeiro grau, Ensino Médio, ou se continua estudando até a faculdade. Mas o que fica claro é que depois de formada ela se torna professora. É comum, em vilas rurais pessoas com apenas o primeiro ou segundo grau darem aulas, contudo o livro não deixa claro se este é o caso de Geni. O que se vê, é ela depois de formada saindo a procurar emprego e encontrando uma escola onde começa a lecionar. Na escola como professora, Geni conhece uma menininha que parece ter os mesmos medos que ela teve ao entrar na escola. A menininha dizia que tinha medo de pessoa preta, mas isso muda rapidamente, pois Geni a conquista com muito amor e carinho. No primeiro dia a menina fica chorosa e longe da professora. Aos poucos Geni se aproxima dela, primeiro para acompanhar a atividade e depois só para conversarem, ao fim a menina diz que no dia seguinte lhe traria lanche. No outro dia, no decorrer da aula a menina sinaliza para a professora informando que trouxe o lanche conforme o combinado, e a partir daí elas se tornam amigas.

O conto “Felicidade não tem cor”, narra a história de Fael, um menino negro, que busca uma nova identidade o que o leva a procurar por um radialista, conhecido como Cid Bandalheira, que supostamente lhe daria o endereço do astro pop Michael Jackson o qual teria a fórmula da “brancura”. Devido a essa procura, ele acaba vivendo uma grande aventura.

Tudo se inicia quando a professora Evangelina pede aos alunos para fazerem uma redação acerca do que gostariam de ser quando crescer. O menino escreve no conteúdo de sua redação que gostaria de ser branco, pois dessa forma não sofreria mais discriminação. Isso é observado no seguinte trecho da redação de dele: “Eu queria ser branco. Se eu fosse branco, ia ser diferente. Todo mundo ia gostar da gente” (BRAZ, p. 8).

Outra parte do livro conta que o personagem era chamado pela turma da escola de “zoião”, “negão”, “Pelé”, “picolé de asfalto” e o que mais doía para Fael era ser chamado de “macaco”.

Depois de atravessar a cidade, Fael chega à Rádio Roda-Viva, onde Cid Bandalheira trabalha e consegue burlar a segurança afim de encontrá-lo. O locutor tem um “papo cabeça”, como é intitulado no conto, com Fael, ele disse que é cadeirante e passou por momentos complicados devido isso, mas que se gosta tal como é. Só a partir daí Fael entende a beleza de sua cor.

O conto “A cor do preconceito”, narra a história de Mira, uma adolescente negra, que ao concluir ensino fundamental, deverá mudar de escola, pois onde estuda não tem mais a série para a qual passou. A personagem tem apoio do professor Ricardo que lhe ajuda a conseguir uma vaga para estudar num colégio particular, o Strauss. Mira tem medo de perder sua identidade, que é do estilo afro, notável pelas tranças em seu cabelo, ao ir à nova escola. No novo ambiente escolar a personagem passa por diversos momentos, é tratada como “empregada” e “babá” na casa de um dos colegas que era branco, ao ir fazer um trabalho da escola. A princípio a personagem não foi tão bem recebida na sala de aula da nova escola, porém no decorrer da história as coisas acabam se resolvendo com a ajuda de bons amigos que a personagem encontra nesta escola além do apoio de sua família que é muito presente em sua vida.

As análises dos contos

As análises dos resultados encontrados nos contos serão feitas nos níveis discursivo, narrativo e fundamental, passando, pela teoria da semiótica e, posteriormente, pela a teoria do imaginário segundo Gilbert Durand.

A COR DA TERNURA

No nível discursivo da semiótica, temos a actante Geni da qual podemos observar alguns aspectos sua história, tais como: o tempo em que ocorrem os fatos, que é a sua infância, pré-adolescência, adolescência e a vida adulta, mas o que mais é dado ênfase no conto é sua infância. Os espaços relevantes neste momento são os da casa onde Geni passa boa parte de seu tempo, especificamente no quarto, quando não está neste lugar ela se encontra no quintal da casa brincando. Pode-se dizer que o tema do conto é a vida de Geni e a sua relação com a sua mãe que é tão presente no conto, isso pode ser comprovado quando a actante quer a todo custo o colo materno.

Na linha do imaginário temos dois símbolos que são fortes no conto. O colo da mãe o qual Geni não quer perder de forma alguma, mesmo que para isso ela minta uma doença e o outro símbolo é o quarto, nele Geni tem uma amiguinha, a dona aranha (inseto), que fica num canto do quarto.

Há ainda a mãe da qual partem dois símbolos: o da mãe propriamente dita que tem em seu colo lugar de aconchego. Ela é como complexo de regresso, pátria mãe; outro símbolo é o da amamentação que também está ligado ao regime noturno da imagem, e é por meio da amamentação que a criança vive o momento de intimidade e afetividade com a mãe. No conto, o leite materno diz respeito ao reflexo da deglutição que corresponde ao *scheme* da descida (percurso do alimento). Quando é tirado de Geni, o peito da mãe é como se cortasse sua ligação com a mesma e o que ela mais quer enquanto criança é voltar a ter essa ligação e só entende que isso não será mais possível quando experimenta do leite da mãe, novamente, e descobre que ele não tem o mesmo gosto de antes.

Para Durand (2002), a simbologia da aranha é negativa. Ela é fiandeira exemplar e devoradora, que nela polariza todos os mistérios temíveis da mulher, do animal e dos laços. A aranha se encaixa no regime noturno da imagem nos símbolos cíclicos.

A aranha no conto ajuda a personagem Geni a tomar decisões e a refletir os fatos que estão acontecendo em sua vida. Um dado importante é que a aranha vê os fatos do canto da porta e por isso é mais fácil aconselhar a menina chorosa. Chevalier diz que a aranha é tecelã da realidade e Durand diz que nela se polariza todos os mistérios temíveis pela mulher. Para Geni, a aranha ajuda a olhar os fatos que estão acontecendo com ela e tomar algumas decisões acerca do que mais teme: a perda do colo e o nascimento do irmão.

O espaço do quarto é um dos ambientes da casa que a personagem Geni mais frequenta ao nascer de seu o irmãozinho e quando está tristonha. Segundo Bachelard (2000), é o quarto meu canto na casa que posso criar meu mundo, posso observar o redor, posso refletir e ficar sozinho comigo mesmo.

Outro dado relevante é o canto, nesse caso, esse espaço da casa, é onde se pode olhar o mundo e as coisas sem estar fazendo parte deles. Bachelard (2000), diz que o canto é o espaço da meditação. E segundo ele “(...) todo canto de uma casa, todo ângulo de um quarto, todo espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolher em nós mesmos é para imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um quarto, o germe de uma casa”.

Da pré-adolescência para a vida adulta de Geni, o acontecimento que marca sua passagem para a vida adulta é a sua primeira menstruação. De acordo com a teoria do imaginário a menstruação é sangue e o sangue está relacionado à vida, a fecundidade. Insere-se no regime noturno da imagem, pois está ligada a libido, e é a partir desse momento que a mulher passa a ter desejo sexual. Transição das travessuras de menina para a fase adulta da menina que agora é mulher. Geni não é mais criança e já não pode se comportar como tal, já não pode mais brincar, tem que tomar cuidado ao se sentar e ao andar agora tem outras

responsabilidades como ajudar as irmãs. Começa a pensar nas coisas que quer fazer quando adulta tal como continuar os estudos.

No nível narrativo quando Geni ainda é uma criança seu objeto de valor é a sua mãe, mas a mãe não é só dela é de seu irmão, Zezinho, também. A personagem não aceita bem o fato de ter que dividir a mãe com o irmão e passa a inventar coisas para ter a atenção dela. Neste momento há uma disjunção, pois o que ela quer não acontece. O mesmo acontece em idade escolar onde seu objeto de valor passa a ser a professora, a qual não corresponde-lhe afeto. Já na fase adulta o objeto de valor é o seu eu de professora que causa essa disjunção. Nota-se tal fato, quando uma de suas alunas tem medo de dela, por ser negra. Depois de certo momento essa mesma aluna passa a gostar de Geni notando-se, assim, uma conjunção. Quando criança de tanto insistir Geni acaba por ter de novo a atenção da mãe este é o seu prêmio por tamanha insistência, quando adulta ela tem como prêmio pelo esforço de seus estudos a formatura, o qual se concretiza ao torna-se professora.

No nível fundamental, temos na infância um tempo no qual a actante sofre por ter versus não ter o colo da mãe que é seu grande objeto de valor, outro sofrimento seria ter x não ter a atenção da professora. No momento que Geni perde a atenção da mãe ou da professora temos o que é chamado de disforia e ao retomar a atenção da mãe ou da professora temos um momento de euforia. Outro momento de euforia é quando Geni se forma, esta é sua recompensa pelo seu esforço nos estudos. Nota-se que a personagem tem uma crença em um poder maior que a leva a lutar pelos seus ideais.

Em relação ao imaginário quando criança, Geni buscava somente o calor o aconchego que o colo materno pode oferecer, quando a actante vai crescendo ela busca a imagem do pai que de acordo com o imaginário está ligada ao gesto postural que evoca o simbolismo fálico do pai, das funções autoritárias e guerreiras. O pai, assim, como a mãe, é um dos genitores da família dentro da casa ele é a autoridade maior e é ele também que deve lutar pela maior parte no sustento da família.

A COR DO PRECONCEITO

No nível discursivo, neste conto temos a actante Mira, os fatos importantes de sua vida ocorrem no espaço da escola e da casa, o tempo no qual ela se encontra é a sua adolescência já que o conto começa quando ela vai buscar suas notas finais do último ano do ensino fundamental. Mira teve experiências diferentes em duas escolas diferentes, a primeira é uma escola de bairro simples que faz parte do nível de vida de Mira a outra é uma escola de

classe média alta, na primeira escola todos eram amigos, na segunda Mira sofre um pouco de preconceito devido sua classe social e sua cor.

Quando Mira muda de escola a coisa que ela não quer perder é seu jeito de ser negra de cabelo afro, tanto que cuida bem do cabelo, ficando horas quieta até que sua mãe ou sua tia façam trancinhas nela.

Para o imaginário o cabelo é símbolo de sensualidade. O espaço da casa já foi explicado na análise do conto anterior que de acordo com Bachelard é espaço de acolhimento proteção o que está presente também na história de Mira. Para ela a casa é seu porto seguro. Também neste conto tem se forte a imagem da mãe e do pai ambos explicados anteriormente.

No nível narrativo para Mira seu objeto de valor eram seus estudos, nota-se isso quando é dito no conto que a actante era considerada uma das melhores alunas do colégio onde estudou antes de ir para o Strauss. Outro objeto de valor para Mira é seu cabelo afro que ela não aceita que alise para que não perca sua identidade. A família também é objeto de valor para a actante.

Pode-se dizer que na família há um momento de conjunção, pois as coisas vão de acordo com o que a actante deseja, bem como acontece ainda na escola do bairro, isso só muda quando ela vai para a escola nova, no Strauss há uma disjunção, pois a realidade é totalmente diferente daquilo que pensava Mira. A mudança de escola funciona como uma espécie de prêmio devido Mira ser uma aluna tão aplicada, ela consegue isso com a ajuda de um professor, Ricardo e das boas notas que tinha.

No nível fundamental temos uma felicidade versus não felicidade na nova escola e a perda versus uma não perda de identidade devido a uma mudança ou não do cabelo afro. Há uma disforia quando a actante vai para a nova escola e uma euforia quando ela é aceita tal como é, negra e de cabelos afro, que ocorre somente no final do conto. É o medo por não conseguir ser o que de fato é que a leva a lutar pelo que deseja que é estudar.

FELICIDADE NÃO TEM COR

No nível discursivo o actante Fael como é chamado, inicia sua história no espaço da escola, especificamente, na sala de aula. Volta e meia tem outra sala que Fael gosta de ir, a sala de brinquedos onde conhece Maria Mariô, uma boneca negra que fica no fundo da caixa de brinquedos, outro espaço que gosta de ir é sua casa e por último o espaço onde o actante foi à busca de seu ideal, a rádio Roda Viva FM. O tempo no qual Fael se encontra é o final da

infância para a pré-adolescência. O que foge um pouco a realidade e que é normal no imaginário infantil é que a boneca fala.

No espaço escolar alguns colegas colocam apelidos em Fael, dos quais ele não gosta muito. Na escola ele era chamado por nomes como “zoião”, “negão”, “Pelé”, “ picolé de asfalto” e o que mais doía em Fael era ser chamado de “macaco”. Por isso, por várias vezes ele se refugiava na sala de brinquedos e conversava com a boneca Maria Mariô.

Esta sala para a teoria do imaginário é como se fosse o quarto de Fael onde ele se sentia protegido das ofensas que os colegas lhe faziam.

Para a teoria do imaginário, neste caso o brincar com os brinquedos e o brinquedo em si, ajudam a criança a trabalhar sua capacidade sensório-motora trabalhando também o imaginário individual de cada uma delas. Segundo Durand (1982), é neste momento que a criança volta-se ao seu instinto animal, produzindo alguns sons como gargalhadas, risadas e urros, tal como os animais. Quase sempre quando se brinca se brinca no chão e o chão é a terra e alguns estudiosos dizem que nossa mãe terra representa o colo da mãe.

No nível narrativo o objeto de valor para Fael era ser branco. Desse modo ele não seria chamado de macaco e outros nomes dos quais não gostava e tudo seria mais fácil para ele. Há uma disjunção, pois Fael não pode ser aquilo que desejava ser, que era ser branco, e isso ocorre em todos os espaços pelo os quais ele passa. Ao final ele não consegue ser branco, mas entende a beleza de sua cor, neste momento há uma conjunção do desejo com o fato de ser branco. Depois de uma longa conversa com o locutor Cid Bandalheira, Fael aceita o seu ser negro.

Esse locutor pode-se dizer, funciona como uma espécie de pai para o Fael, trazendo isso para o imaginário. Fael não ganha prêmio algum, mesmo assim fica feliz.

No nível fundamental temos um *ser branco* versus *não ser branco* e um *querer* versus *não poder*. Há uma disforia por não alcançar a tão sonhada brancura, porém esta, não é vista pelo personagem como um castigo. É o desejo tão imenso de ser branco que leva o actante a ir à rádio Roda Viva FM atrás do endereço do astro pop Michael Jackson.

DISCUSSÃO

Para início de conversa, na literatura não se diz mais literatura infanto-juvenil, mas sim literatura infantil ou literatura juvenil.

Nos contos tem-se uma busca constante pela identidade. No conto *A cor da ternura* a personagem Geni só toma consciência de sua identidade, de sua condição de ser negra,

quando entra na escola e ao fazer uma redação a princípio ela exalta a Princesa Isabel posteriormente ela descobre que as coisas não são como ela pensa ser. No conto *Felicidade não tem cor*, o personagem Fael tem consciência do que é ser negro, nota-se isso na produção da redação quando a professora pergunta o que eles desejam ser quando crescer, e Fael diz que quer ser branco, ele reafirma isso quando sai à procura do tal endereço do astro pop Michael Jackson. No conto *A cor do preconceito* Mira tem essa consciência quando entra no colégio Strauss, colégio de ricos e brancos e não perde seu estilo de arrumar o cabelo e de ser.

Os três personagens são negros, pobres, mas todos têm a família bem estruturada, ou seja, pai, mãe e filhos, diferentes do que possa se pensar de uma família negra e pobre.

Outra questão que se pode levantar é do espaço onde acontecem os fatos. Temos dois bem distintos, um espaço é o da casa que é o micro o outro é o espaço da escola o macro universo. De acordo com Bachelard (2000), a casa é espaço de acolhimento, de proteção. Já a escola é o macro universo que também ajuda os personagens a formarem suas identidades.

A identidade de cada um dos personagens é formada no ambiente familiar primeiramente e depois na escola, ou seja, há a presença de um “eu” e este “eu” é formado a partir do outro. Exceto para Fael que busca a felicidade na brancura, os demais personagens, Mira e Geni, gostam de ser como são, negras, e firmam isso no jeito de vestir de arrumar o cabelo como se pode ver no caso de Mira que gosta do cabelo estilo afro.

O que converge nos contos é o fato das famílias estruturadas e o que diverge é que Mira e Geni ao final do conto buscam a felicidade na realização dos estudos e Fael busca no desejo de ser branco e, conseqüentemente, viver sem problemas na vida.

A presença do outro é forte quando se fala do espaço escolar, pois ele juntamente com a família é grandes formadores de identidade da criança, do adolescente e porque não do adulto, o que se reflete no comportamento de cada um dos personagens.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos contos é a busca da felicidade que move cada actante a procura do alto, da realização de seus ideais. Fael tem, a priori, sua realização na brancura, Mira e Geni na família e nos estudos. A formação da identidade dos personagens, como a de todos nós, é permeada por outras identidades, ou seja há presença do outro no eu, o que percebe-se

claramente no caso de Fael, que vê em Michael Jackson por sua mudança de “cor” um ideal de felicidade.

O desejo de transformação de vida é reforçado pelos símbolos que são recorrentes nos contos tais como a imagem do pai, da mãe, da casa e da escola, que mostram esta busca do alto.

Enfim, as imagens dos contos convergem em sua maioria para os símbolos de ascensão, essa busca de ser alguém, de conseguir algo na vida os coloca no regime diurno do imaginário, mas também há representações de símbolos pertencentes ao regime noturno como a imagem da mãe que nestes casos simboliza aconchego.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 242 p.

BARROS, Diana Luz P. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2002 .

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1993.

DURAND, Gilbert. **Mito, símbolo e metodologia**. Lisboa: Presença, 1982.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **O imaginário**: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio De Janeiro: DIFEL, 1998. (Coleção Enfoques. Filosofia)

GOTLIB, Nádya Batella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990.

GREIMAS, Algirdas Julien & J.Courtés. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**. São Paulo: EDUC, 1992.

_____. **Presenças do Outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PITTA, D.P.R. **Iniciação à teoria do imaginário** de Gilbert Durand. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. Coimbra: **Dicionário de narratologia**. Liv. Almedina, 1994.

SEGOLIN, Fernando. **Personagem e anti-personagem**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

TURCHI, Maria Zaíra. **Literatura e antropologia do imaginário**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.